

LÓGICAS DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS: UMA FERRAMENTA PARA O PLANEJAMENTO, A GESTÃO INTEGRADA E A SUSTENTABILIDADE DAS ÁGUAS AMAZÔNICAS

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira

Profa. Doutora em Geografia pela UFPR

Membro do GEPCULTURA (Modos de Vida e Cultura Amazônica)/UNIR

e do GELLSO (Grupo de Pesquisa Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais)/UNIR – Porto Velho – Rondônia – Brasil. klondy2@gmail.com

Resumo:

Discute-se a gestão da água amazônica e seu futuro em congressos, encontros e simpósios, no entanto, verificou-se que há uma lacuna nessas discussões no que diz respeito à análise da Lógica das Comunidades em espaços amazônicos sobre o tema. Desse modo, esse estudo procurou analisar sentidos, percepções e representações sociais sobre a importância, o uso e a preservação da água de 06 comunidades ribeirinhas amazônicas, inseridas em duas cidades no estado de Rondônia, na Amazônia brasileira para conhecer as suas lógicas. Para atingir o objetivo proposto, fez-se uma pesquisa qualitativa, sob o quadro teórico da abordagem da Geografia Cultural, em sua vertente fenomenológica, cuja interface permeou a Geografia Sociocultural. Levou-se em conta, neste estudo, que os indivíduos, organizações e mercados são influenciados por elementos comuns de cultura, normas, identidade e leis, como resultado do compartilhamento de um espaço geográfico comum. A partir dessa análise, compreendeu-se que as lógicas de comunidades que desvendaram à pesquisa a história dessas comunidades, com seus conflitos, estruturas, usos e intercâmbios, poderão também auxiliar no planejamento, na gestão integrada e na sustentabilidade das águas amazônicas.

Palavras-chave: Amazônia. Água. Lógica de Comunidade.

Abstract:

The management of Amazonian water and its future has been discussed in congresses, meetings and symposia, however, I verified that there is a gap in these discussions with regard to the analysis of the Logic of Communities in Amazonian spaces on the subject. In this way, in this study I sought to analyze senses, perceptions and social representations about the importance, use and preservation of the water of six Amazonian riverside communities, inserted in two cities in the state of Rondonia, in the Brazilian Amazon to know their logics. In order to reach the proposed objective, a qualitative research was carried out, under the theoretical framework of the approach of Cultural Geography, in its phenomenological aspect, whose interface permeated the Sociocultural Geography. It was taken into account in this study that individuals, organizations and markets are influenced by common elements of culture, norms, identity and laws as a result of sharing a common geographical space. From this analysis, I understood that the communities' logics that showed the history of these communities, with their conflicts, structures, uses and exchanges, can also help in the planning, integrated management and sustainability of the Amazonian waters.

Keywords: Amazon. Water. Communities' Logics.

1 Introdução

A lógica de comunidade, neste estudo, é compreendida como a identidade manifestada pelos colaboradores de uma mesma comunidade, observada como uma forma de vínculo com outros membros locais, pelo comprometimento com esse grupo, manifestado pela defesa de valores e ideologias enraizadas na cultura local (THORNTON, OCASIO E LONSBURY, 2012).

Sobre esses laços e a noção de uma vida significativa, Widenfeld, no prefácio da obra *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido – a orientação do homem moderno*, afirma que tais laços e noções “só são partilhadas por pequenas comunidades” e por isso “é importante observar como os indivíduos se unem nesta comunidade” (BERGER E LUCKMANN, 2012, p. 09).

Álvaro Heidrich (2013, p. 53) corrobora essa ideia ao declarar que “Uma vida plena de sentido é naturalmente reconhecível em comunidades pequenas e tradicionais”, e lembra ainda que, na complexidade do cotidiano moderno, “o sentido é reelaborado por instituições e meios produtores de ideias e mensagens”.

Ademais, nas comunidades, vê-se, também, que as compreensões se renovam e, por meio da exposição da ideia por outro sujeito ou grupo, aquilo que não faz parte da compreensão de um pode se tornar presente e compreensível. “Para a composição do vivido o diálogo é imprescindível. O que se põe em relação na vida social, ao mesmo tempo em que afeta também é afetado” (HEIDRICH, 2013, p. 53).

Com a compreensão de que dentro das comunidades os sentidos, as ideias e pontos de vista (percepções e representações) se renovam, se modificam e são repassados e reconstruídos pela comunicação (FREGE, 1978; BERGER e LUCKMANN, 2012; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999; HEIDRICH, 2013), procurou-se por definições de comunidade, a partir daí, buscou-se pelo conceito de lógica de comunidade e comunidade geograficamente localizada para, com a compreensão necessária, trazer esses conceitos à Geografia e, desse modo, expor as lógicas das comunidades amazônicas.

Weber (1987) denomina comunidade “[...] um grupo cuja relação social baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes” (WEBER, 1987, p. 77). A partir desse conceito, para o desenvolvimento de um estudo da lógica de comunidade na Geografia, procurou-se pela compreensão de comunidade em outros teóricos.

Ferdinand Tönnies (2001[1887]) considera as questões da comunidade e da sociedade civil em dualidade e tem como argumento que a comunidade é uma categoria sociológica diferente da sociedade, ao considerar a sociedade como algo que remete a uma forma mais ampla e impessoal de interação. Essa distinção passou a ser relacionada não só à característica da comunidade como um agrupamento de atores sociais em um determinado espaço geográfico delimitado, mas também ao fato de que os membros da comunidade, por

compartilharem do mesmo território geográfico, compartilham algumas características comuns, assim como expectativas e interesses, constituindo, desse modo, uma identidade local (MARQUIS E BATTILIANA, 2009).

Em estudos que visam à gestão e organização, o conceito de comunidade está relacionado à imersão dos atores a uma determinada área geográfica. Essa premissa permite reconhecer os aspectos que distinguem diferentes comunidades, permitindo que se analise como a lógica de determinadas comunidades exerce influência sobre o comportamento dessas gestões ou organizações (DAVIS E GREVE, 1997; KONO, PALMER, FRIEDLAND E ZAFONTE, 1998; MARQUIS, 2003).

Almandoz, por sua vez, considera que a lógica de comunidade é responsável pela valorização dos laços fortes e duradouros entre os membros de pequenos grupos (ALMANDOZ, 2008). De acordo com esses estudos, a imersão nas comunidades tem uma influência relativamente durável no comportamento organizacional, por meio de um número de mecanismos que são responsáveis pela mediação e manutenção desse relacionamento.

Nesse sentido, a questão da proximidade geográfica e das redes sociais locais que se desenvolvem a partir de um contexto comunitário influencia as práticas sociais no espaço. No entanto, para compreensão do conceito de comunidade, é preciso contrapô-lo ao conceito de sociedade. Da mesma forma, tal distinção permite entender como se dá o processo de imersão em comunidade e como atuam os mecanismos que traduzem essas lógicas em práticas locais (COSTA, 2012).

Ao refletir sobre sociedade e comunidade, considera-se a sociedade uma entidade mais transparente, universal e anônima e a comunidade focada em relações interpessoais e conexões particularistas. Enquanto a sociedade está relacionada ao arbítrio dos respectivos membros, a comunidade está relacionada à vontade (mais essencial ou orgânica) (TÖNNIES 2001 [1887]).

Ademais, a comunidade é vista como uma forma de associação existente muito antes da constituição social de indivíduos e seus fins, ainda que isso não implique a consideração de fatores restritivos de condições sociogenéticas (BRANCALEONE, 2008). Em vez disso, a comunidade se relaciona a imperativos profundos do próprio ser, enquanto vontade essencial, mais do que à vontade de escolher (TÖNNIES, 2001 [1887]).

De acordo com Arenari (2003), os conceitos de vontade no pensamento tonniesiano estão relacionados à tentativa de, a partir da vida interior do indivíduo (psicológica), encontrar os pressupostos do desenvolvimento das formas de socialização. Para esse autor, há um estreito laço entre a psicologia e a sociologia no pensamento de Tönnies, pois ele considera que a segunda é sustentada pelos pressupostos da primeira; também há um terceiro elemento nos conceitos de vontade desse autor, a filosofia, na qual ambas (psicologia e sociologia) estão assentadas.

Dessa forma, a comunidade é considerada uma forma social fundamentada nas relações pessoais (como as que ocorrem na família, em uma aldeia ou em outras formas de pequenas comunidades urbanas), com a presença de intenso espírito emocional, e constituída pela cooperação, pelos costumes e pela religião (TÖNNIES, 2001 [1887]).

Como critérios de análise, esses elementos são importantes, porque sinalizam a distinção entre comunidade e sociedade: enquanto a comunidade, geralmente, remete a um tipo de grupo social mais primitivo, tradicional e original da vida humana (Brancaleone, 2008), a

sociedade é considerada uma organização de grande escala, como a cidade, o Estado ou a nação, que se funda nas relações impessoais, nos interesses particulares, no direito e na opinião pública (TÖNNIES, 2001 [1887]). De acordo com essa dicotomia, atribuíam-se à comunidade a temporalidade da tradição, do passado e do primitivo; enquanto à sociedade era atribuído o tempo moderno, ou seja, o presente e o futuro (BRANCALEONE, 2008).

De acordo com Marquis e Battiliana (2009), muitas definições antropológicas e sociológicas do conceito de comunidade sinalizam como aspectos distintivos a pequena escala, a estrita delimitação de suas fronteiras e os fortes laços entre seus membros, que se estabelecem particularmente por uma identidade comum. Como sugere Storper (2005, p. 34), comunidade pode ser compreendida como uma “[...] grande variedade de modos e maneira de agrupar-se com outros com quem compartilhamos partes de nossas identidades, expectativas e interesses” (Tradução da autora).

Embora a distinção entre a comunidade e a sociedade seja útil por destacar muitos dos importantes componentes constituintes de uma comunidade, essas definições não delimitam as fronteiras de uma comunidade local (MARQUIS E BATTILIANA, 2009). Para esses autores, essas fronteiras são difíceis de serem delineadas em uma definição abstrata e não precisam, necessariamente, coincidir com qualquer fronteira administrativa ou política. Por esse motivo, considerando o contexto da modernidade delimitado pela lógica societal, alguns pesquisadores têm argumentado que uma comunidade pode, de fato, ser um conceito simbólico e somente pode ser uma questão definida no atual contexto histórico a partir das interações sociais e elementos culturais compartilhados (COHEN, 1985).

Esses diversos trabalhos sugerem que, apesar de crescimento nos padrões de globalização, as influências locais são mantidas. No olhar a essas influências, Battiliana e Marquis (2009) analisam como indivíduos, organizações e mercados são influenciados por elementos comuns de cultura, normas, identidade e leis como resultado do compartilhamento de uma localização física comum e concluem que até os indivíduos mais cosmopolitanos e os espaços mais organizados são considerados enraizados em alguma localização geográfica. Por meio de análise dialética entre o global e o local, o trabalho de Battiliana e Marquis (2009) sugere que as diferentes comunidades tornam-se mais integradas como resultado de um aumento da globalização, demarcando também, dessa maneira, as fronteiras entre elas próprias mais claramente.

A partir dessas reflexões, compreenderam-se as lógicas dessas comunidades. Lógicas que auxiliaram a desvendar uma Geografia impregnada de história, com seus conflitos, estruturas, usos, intercâmbios. Uma Geografia constituída de compreensões ambientais necessárias à preservação e à sustentabilidade a partir dos sentidos culturalmente construídos.

Nas comunidades amazônicas investigadas, compreendidas, aqui, como comunidades geograficamente localizadas, perceberam-se suas lógicas como o produto da soma de seus sentidos, suas percepções e suas representações sociais, cuja origem está atrelada ao processo formado e formador da vida dessas comunidades e que se veicula pela comunicação.

Desse modo, ao procurar pelos sentidos culturalmente construídos, percepções e representações sociais desse humano amazônico, procurou-se reconhecer nessa paisagem a abrangência de uma gama de elementos culturais. Elementos materializados na produção de

sentidos, nos valores e significados, nos comportamentos das pessoas e, portanto, em suas lógicas.

2 Metodologia de Trabalho

A pesquisa em pauta tem como aporte teórico metodológico a geografia cultural sob seu viés fenomenológico, perpassada pela geografia social na busca da compreensão dos sentidos que comunidades atribuem à água. Assim, trilharam-se caminhos da pesquisa qualitativa cujos procedimentos metodológicos se pautaram em entrevistas não estruturadas e mapas mentais.

Foi utilizado, ainda, para análise dos dados elencados, o método Grounded Theory, uma proposta para pesquisa qualitativa, na qual todas as teorias construídas variam em sua natureza e diferem entre si, mas, independentemente de como são construídas, cada teoria é única, por isso acredita-se ser pertinente a esta pesquisa.

De acordo com Strauss e Corbin (2008) a teorização é o ato de construir a partir dos dados, um esquema explanatório que integre sistematicamente vários conceitos por meio de declarações de relações. “Uma teoria faz mais do que gerar entendimento ou pintar um quadro vivo. Ela permite aos usuários explicar e prever fatos, fornecendo, assim, diretrizes para a ação” (STRAUSS e CORBIN, 2008, p.37).

Com o interesse voltado a essa metodologia, procurou-se por outras fontes e levaram-se em deferência as considerações ontológicas e epistemológicas do subjetivismo, conforme definições de Morgan e Smircich (1980), as quais, de acordo com a Grounded Theory, consideram que a realidade pode ser socialmente construída a partir da interação entre indivíduos que a legitimam por meio de sinais (signos ou símbolos). Fato primordial para observação e análise dos dados colhidos a este estudo. Por ser esse um método interpretativista de pesquisa que busca explicar a realidade a partir dos sentidos e significados atribuídos pelos envolvidos às suas experiências.

Contudo, diferentemente de outros métodos subjetivistas como o método fenomenológico, a etnografia e a experiência vivida, os procedimentos de análise do método da Grounded Theory intencionam tornar os resultados os mais objetivos possíveis, tanto do ponto de vista teórico, para que tenham possibilidade de generalização do fenômeno explicado, como do ponto de vista metodológico. No entanto, necessário é afirmar que isso não significa estar alinhado com os cânones do positivismo ou outro paradigma objetivista, pois, no método da Grounded Theory, compreende-se que o que deve ser passível de refutação é o processo de pesquisa e o nível de fundamentação empírica e não se os resultados são a única explicação da realidade.

A Grounded Theory é um método científico que utiliza um conjunto de procedimentos sistemáticos de coleta e análise dos dados para gerar, elaborar e validar teorias substantivas sobre fenômenos essencialmente sociais, ou processos sociais abrangentes. Entende-se por teoria “um conjunto de categorias (conceitos) que estão sistematicamente inter-relacionadas através de sentenças de relacionamento [proposições] para formar o esquema teórico que explica um fenômeno social” (STRAUSS; CORBIN, 1998, p. 22).

A diferença entre a teoria formal e a teoria substantiva é que, enquanto a primeira é mais geral e aplica-se a uma visão maior de disciplinas e problemas, a segunda é específica para

determinado grupo ou situação e não visa generalizar além da sua área substantiva. A essência do método da Grounded Theory é que a teoria substantiva emerge dos dados, ou seja, é uma teoria fundamentada em uma análise sistemática dos dados. Ademais, deve ser coerente com a realidade da área especificada para o estudo e, como consequência, fornecer sentido para que seja compreendida pelos sujeitos envolvidos e por outros pesquisadores.

Apesar de existir um conjunto sistemático de procedimentos, a criatividade do pesquisador é muito importante para a análise dos dados na utilização do método da Grounded Theory. Glaser (1998) chamou de sensibilidade teórica a criatividade do pesquisador na identificação, construção e medição dos conceitos que compõem a teoria, porém, neste estudo, dá-se o nome de olhar geográfico a essa sensibilidade teórica que procura construir sentidos a partir da cultura observada, a fim de demonstrar habilidade de dar significado aos dados, à capacidade para entender e à capacidade para separar o que é pertinente do que não é para a pesquisa. Uma sensibilidade teórica desenvolvida a partir do conhecimento científico acumulado pelo pesquisador, de sua experiência profissional e pessoal (STRAUSS e CORBIN, 1998).

Para isso, exigiu-se a utilização de técnicas e procedimentos que atenuassem os preconceitos do pesquisador no processo interpretativo, por isso as necessárias visitas ao contexto de pesquisa, o envolvimento com atividades culturais e a intensa interlocução com os colaboradores das comunidades, a fim de construir sentidos, especializá-los ou reavaliá-los nessas comunidades.

Desse modo, o pesquisador, além de construir novos sentidos (ou reavaliar os já existentes), deu sentidos aos dados, por comparações entre os dados obtidos e um elenco de possibilidades de significados, fruto da sensibilidade teórica e da compreensão correta das narrativas, por meio desses sentidos culturais. As comparações foram imprescindíveis para evitar distorções e facilitar a interpretação dos dados. Em suma, as técnicas de comparações utilizaram o conhecimento (sentidos e significados culturais) do pesquisador para descobrir o que não estava revelado nos dados, sempre com o cuidado e respeito necessário, a fim de não manipulá-los a favor de sua própria cultura.

Após os primeiros contatos, conversas informais e trocas de informações, percebeu-se que a coleta de dados por meio de entrevistas não estruturadas seria o meio para obter as gravações e audições das narrativas buscadas a este estudo, isso porque, dentre os colaboradores, havia pessoas mais eloquentes e menos eloquentes. Reconheceu-se, também, que o tempo de entrevista seria marcado sem muito rigor, procurando pelo aspecto prático de cada situação. Quanto ao local, deixamos por conta do entrevistado escolher onde queria gravar o seu depoimento e, em sua grande maioria, a escolha foi o quintal de sua própria residência, o seu lugar.

Para a escolha dos colaboradores, deu-se preferência aos moradores mais antigos do lugar e a outros atores cuja existência fizeram e fazem a diferença na composição das comunidades e paisagens culturais. Na decisão sobre o número de entrevistas, levou-se em conta a assertiva de que, quando os depoimentos começam a sair do interesse da pesquisa está na hora de parar.

Como resultado dessas entrevistas não estruturadas, foram gravadas digitalmente trinta e uma (31) narrativas: vinte e cinco (25) nas comunidades portovelhenses observadas (Bairro Triângulo – seis (06); Agrovila – três (03); São Sebastião – cinco (05); Maravilha –três (03) e

Niterói – oito (08), entre os meses de outubro e novembro de 2013. E seis (06) na Colônia de pescadores do Bairro Triângulo de Guajará-Mirim, em janeiro de 2014. Como se optou por uma pesquisa qualitativa, o número de entrevistados foi aleatório, obedecendo aos critérios observados no projeto da pesquisa.

Para a análise das narrativas, optou-se pela utilização do software ATLAS/ti 6.0 e todas as possibilidades por ele fornecidas para a observação das diversas transcrições de entrevistas não estruturadas fornecidas pelo trabalho de campo.

A narrativa de cada colaborador proporcionou a análise dos sentidos e significados em paisagens humanizadas e, nessa análise, optou-se pela valorização subjetiva de detalhes da vida, assim, obtiveram-se aspectos interessantes e significativos do ser humano observado e das paisagens que o cercam. Privilegiou-se, portanto, na personalização do enquadramento da narrativa, a valorização do indivíduo como o centro das atenções e se reconheceu em todo o caminhar do estudo, entrevistas, elaboração de mapas mentais e análises, o sentido mais humano da paisagem amazônica: a oferta da essência desse sujeito amazônico à obtenção de resultados a esta pesquisa.

Antes de gravar a narrativa de cada um dos colaboradores, em conversa informal, procurou-se por dados sobre sua vida pessoal, tais como: local de nascimento, idade, estado civil, naturalidade de seu cônjuge, número de filhos etc., por julgarem-se importantes esses dados iniciais à análise dos sentidos culturalmente construídos.

Na análise dessas narrativas, procurou-se lembrar e seguir o que se viu em Frege (1978), ou seja, que os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo os sentidos expressam, além de suas ações referenciais, valores culturais e geram uma impressão desses valores nas mentes dos falantes.

Conhecer sentidos e significados a partir das narrativas na composição da paisagem cultural das comunidades amazônicas exigiu lembrar, também, a proposta e defesa de Raccach (2002) ao analisar os fenômenos da construção dos sentidos e sua concepção dos diferentes pontos de vista. Assim como da utilização de todas as referências utilizadas para a construção do arcabouço teórico à pesquisa.

Ademais, na busca pelas percepções e representações do ser humano amazônico e em toda a análise dos dados obtidos em campo, utilizou-se o princípio dialógico que perpassa a própria noção de enunciação e, conseqüentemente, de significação da língua e vai além, vai ao sentido culturalmente construído (BAKHTIN/VOLOCHINOV,1999). Esse mesmo sentido que conduz à percepção, aos variados pontos de vista e ao (re)conhecimento das representações sociais que conduzem ao conhecimento das lógicas das comunidades pesquisadas.

3 Resultados e Discussão

No trabalho de campo, com a coleta e análise dos dados, foi possível observar os valores e ideologias dessas comunidades amazônicas, portanto, foi possível também observar suas lógicas. Uma lógica de comunidade compreendida durante todo o caminhar da pesquisa, como a identidade manifestada pelos colaboradores de uma mesma comunidade, observada como uma forma de vínculo com outros membros locais, pelo comprometimento com esse grupo, manifestado pela defesa de valores e ideologias enraizadas na cultura observada.

Nas narrativas, observou-se como esses membros organizam as regras do grupo, suas maneiras de agir, seus modos e costumes com sentidos que possuem uma carga simbólica situada no interior de cada grupo. Regras, valores e pontos de vista que são repassados por diferentes modos de comunicação, constituindo-se estratégias de sobrevivência coletiva.

Diferente de outras narrativas expostas em outras teses e estudos amazônicos (SOUSA, 2012; SILVA, 2000), nessas narrativas a poética ficou ausente. Embora, esses colaboradores tenham na água o lugar de vida, com o respeito e o cuidado que surgem a partir dos sentidos criados e recriados nesse contexto maior de espacialidades dentro de um viés cultural e social, observou-se que as relações que os indivíduos estabelecem com a água que dá sentido às suas vidas estão afetadas pela crise de sentidos.

Essa crise de sentidos encontrou as condições gerais para o seu surgimento a partir do momento que os sentidos construídos na cultura de cada comunidade ribeirinha analisada, os mesmos sentidos conservados e repassados de geração a geração (sentidos subjetivos), começam a não coincidir com os sentidos da sociedade em que ele está inserido (sentidos objetivos).

Desse modo, o homem/mulher colaborador desta pesquisa, que vivia em perfeita concordância com sua comunidade de vida e sua comunidade de sentido, ou seja, tinha sentidos concordes no modo de viver a água, sentir e perceber, começa a estranhar sua água e já não encontra nas águas do rio os sinais sobre as condições do tempo, sobre os próximos dias de sol ou de chuva, sobre a oportunidade de boa pesca e, desse modo, começa, também, a estranhar seus próprios sentidos, crenças e valores, instalando-se a crise de sentidos.

A partir dessa crise de sentidos que os conduzem a um sentimento de desestruturação de suas vidas e de suas próprias identidades, originam-se outros comportamentos que conduzem a uma lógica de comunidade de tensão. Desse modo, para o entendimento dessa lógica, foi necessário também fazer uma imersão nas relações dos indivíduos para a compreensão do seu universo cultural.

A convivência do homem com o rio, principalmente nas comunidades portovelhenses, provoca o estado de tensão em diversas situações. Tensão que tem várias causas, desde as construções de duas grandes hidrelétricas em suas águas (no Rio Madeira) com todas as mudanças que isso representa, transpassando pelas inúmeras informações desconhecidas de possíveis desastres naturais (através das diversas mídias), até a imensa e constante recepção de imigrantes que, por possuírem sentidos construídos em culturas diversas, veem a cultura local, seus sentidos e valores com preconceitos colonizadores.

Desse modo, nas narrativas, encontrara-se a pluralidade de vozes históricas que interpretam as águas dessa parte da Amazônia, desenham o modo de vida das comunidades e trazem à tona seus temores que evidenciam a paisagem encontrada, revelando traços importantes na ocupação do espaço. Um espaço mediado pela linguagem, pela crise de sentidos, pelas múltiplas interferências que compõem o imaginário e a história dessas comunidades amazônicas, sendo componentes agregadores, também, de sentidos e significados.

Essas narrativas expressam, portanto, não só as maneiras de sentir, viver, dizer, observar e estranhar o espaço ribeirinho amazônico, mas também a lógica das comunidades pesquisadas. Uma lógica composta de sentidos, percepções e representações sociais que, por

enunciados heterogênicos, se mostra na tensão e pede por atenção à água e soluções, como se observa no quadro 01:

Quadro 01 – As lógicas compostas por sentidos, percepções e representações sociais presentes nas enunciações.

“A água para beber também está muito ruim, porque antes se tratava a água do Igarapé, agora o Igarapé está cheio de peixe morto, os jacarés aumentaram” (PD8: A. I. – Comunidade Niterói).

“Vi muita modificação aqui depois que começaram as Usinas. Porque os peixes não estão bons. Tem vez que a gente pega o peixe baixando o rio, o bichinho ainda está vivo, mas já está podre”. (PD31: T. B. – Comunidade Niterói Porto Velho).

“Eu vivia da pesca e hoje ninguém pode pescar mais porque o rio cavou” (PD18: J. R. R. F. – Comunidade São Sebastião Porto Velho).

“A gente sofre muito porque aqui não tem como ganhar dinheiro, aqui o que tinha era a pesca e eles cortaram tudo da gente. Tudo. E a gente vai viver do quê? Nossa vida depois desses empreendimentos tem uma grande diferença” (PD2 M. de J. – Comunidade Agrovila Porto Velho).

“Essa água do rio Madeira, depois dessa usina aí, ficou muito esquisita. Antigamente não, mas agora é difícil eu beber a água do rio. Ela ficou muito feia, muito... Sei lá, ficou esquisita, a cor da água” (PD9: E. P. – Comunidade Niterói Porto Velho).

“Depois das Usinas teve muita modificação. Antigamente levantava muito peixe, agora você passa a semana todinha aí para matar um peixe, dois. Há muito pouco. Só da pescaria a gente não sobrevive mais, tem que fazer outra coisa, plantar, criar e pescar para sobreviver”. (PD11: F. C. B.– Comunidade Niterói Porto Velho).

“Antigamente, até 2011, a gente podia utilizar essa água, a água do Rio Madeira era a água de casa, mas depois da Usina a água ficou contaminada...” (PD12: F. C. – Bairro Triângulo Porto Velho).

“Quanto a esses empreendimentos, a construção dessas Usinas, teve uma reunião aí, mas, é aquele negócio, Uns achavam que era bom, outros achavam que não era. No final foi construída e quando terminar vai todo mundo embora e a gente, que é pescador, fica aí lascado, vai ter que mudar de profissão” (PD13: F. V. de M. – Comunidade Niterói Porto Velho).

“E outra também que aconteceu aqui na água do rio, essa água do rio ninguém pode utilizar ela, a não ser pra fazer alguma coisa, pra lavar, pra beber a gente não bebe mais... Tem algumas pessoas que bebem, porque não tem da onde tirar, num tem recurso, mas ela não está boa. Ela mata os peixes que são da água, imagina pessoa. Ela pode não fazer mal assim instantaneamente, mas com o tempo, faz. A gente vai ver o resultado dessa água, porque os peixe que são dela, moram dentro dela, muitos morrem, agora mesmo quando estava saindo o peixe da ova aí morreu foi muito peixe aí que ova... Saiu para desovar e topava na água branca ai morria nessa água do rio” (PD14: G. L. da S, – Comunidade Niterói).

“Hoje em dia ninguém consome mais essa água porque sempre dizem que fizeram a pesquisa do cabelo e deu bastante Mercúrio nas pessoas. Aí ninguém sabe se é por causa da água, se era porque no tempo que o garimpo estava aí. Mas, eu já vi o tanto de produtos que eles usam pra fazer o Concreto, fazer as coisas lá em cima, na Usina e eles prejudicam bastante a água. Só que, graças a Deus, hoje em dia ninguém usa essa água para beber” (PD16: Janilce Rabelo – Comunidade São Sebastião).

“Na água do rio nem lavar a mão, ninguém lava. A gente tem muito medo, eles falam que não tem nada de mercúrio, de alumínio, nada que influi na água, mas as pesquisa que eles fazem dos peixe, das coisas não é isso que prova, né? Eu tenho fotos da... De quatro anos atrás, cinco anos atrás, que se a senhora ver é a coisa mais linda do mundo, eu tirava foto daqui de cima pra lá, as nossas praia era as coisa mais linda, nós dava lance pra tirar de saco de... De pacu e de sardinha, hoje, há três anos ninguém tira mais nem uma sardinha pra comer” (PD24: R. N. Ramos – Comunidade São Sebastião).

Fonte: A autora

Com lógicas formadas a partir da relação dialética entre o espaço vivido e o espaço concebido, com consciência socioespacial de pertencimento e identidades territoriais, essas comunidades que mantinham estreita relação humanizada com os componentes dos rios e das matas, encontram-se, agora, com o desconhecido, com a procura do lugar, sem a sutileza do encantamento ou maravilhamento antes encontrado na água que os cerca.

Nas diferentes comunidades analisadas, observou-se que há semelhanças e diferenças entre as lógicas das comunidades portovelhenses e guajaramirense, exibindo em sua totalidade uma lógica de tensão pela perda do seu lugar, de sua identidade, do seu mundo vivido e uma lógica de preocupação com as mudanças que, de acordo com sentidos construídos por informações obtidas na mídia, com base no senso comum, podem vir a afetar o seu lugar.

Ademais, os sentidos das comunidades pesquisadas lhes permitem perceber, também, que já há com que se preocupar em relação à água que os cercam. Tais percepções, advindas de sentidos reavaliados pelas constantes mudanças em suas vidas, provocam temores futuros e insegurança nessas comunidades, trazendo consigo as crises de sentido (BERGER e LUCKMANN, 2012).

Como mostram os entrevistados das comunidades de Porto Velho e de Guajará-Mirim, quando percebem e demonstram essa preocupação em suas narrativas. Suas percepções abarcam desde o futuro das próximas gerações com relação à água até o desaparecimento dos rios perenes com o assoreamento e desmatamento descontrolados. Essas percepções temerosas foram exibidas em todas as narrativas e se apresentaram da seguinte maneira:

- a. preocupação com a água a partir da atitude do governo: governo não demonstra se preocupar com a preservação e/ou limpeza da água.
- b. preocupação com a água a partir da poluição: poluição como uma preocupação dos moradores em relação à água (água poluída).
- c. preocupação com a água para gerações futuras: preocupação com a água por conta das gerações futuras.
- d. preocupação com a água devido ao descarte do lixo: preocupação com o lixo que polui a água.
- e. preocupação com a água com o desaparecimento de rios: preocupação com o assoreamento do rio.

Entrevistados de Porto Velho e de Guajará-Mirim mostram que percebem a modificação de suas águas e demonstram, em suas narrativas, preocupações com o futuro das próximas gerações. Os colaboradores de Guajará-Mirim se preocupam com a poluição, com o assoreamento e a possibilidade do desaparecimento dos rios. Mesmo com a preocupação voltada, também, para a geração futura, a comunidade guajaramirense não responsabiliza o governo ou sua ineficiência quanto à ausência de fiscalização ou quaisquer outras responsabilidades sobre essas preocupações.

Quanto aos colaboradores de Porto Velho, devido à grande imigração provocada pelas construções das duas Hidrelétricas dentro do seu espaço: Santo Antônio e Jirau, com todo o contingente de pessoas e empresas atraídas por esses empreendimentos, mostram em suas percepções que seus hábitos evidentes foram ameaçados e lhes trouxeram não somente a

construção de novos sentidos, mas também a crise de sentidos proporcionada pelas mudanças radicais nas vidas de suas comunidades. Desse modo, suas percepções indicaram desde a preocupação com o lixo, com o assoreamento dos rios, com a poluição dessas águas, mas também apontam para a falta de responsabilidade ambiental do governo.

Essas preocupações conduzem as comunidades de Porto Velho à lógica do temor como uma lógica da realidade vivida e a comunidade de Guajará-Mirim à lógica do imaginário, como se mostra no quadro 2:

Quadro 2 - Semelhanças e diferenças entre as Lógicas de Comunidade observadas nas Comunidades de Guajará-Mirim e Porto Velho.

	Guajará-Mirim (6)*	Porto Velho (25)*
Lógicas do Temor (Lógicas reais)	Inundação (2)	Perda da pesca (20) Migração compulsória à cidade (4) Poluição (21) Inundação (3)
Lógicas da Preocupação (Lógicas do imaginário)	Perca da pesca (2) Migração compulsória à cidade (2) Desastres ambientais causados por possíveis acidentes nas hidrelétricas (3)	Desastres ambientais causados por possíveis acidentes nas hidrelétricas (17)

*Número de narrativas que expõe esses sentidos.

Fonte: A autora

Essas lógicas manifestam a identidade dos colaboradores dessas comunidades e formam vínculos entre os membros locais, fortalecendo o comprometimento do grupo. Esse fortalecimento foi observado nas constantes reuniões em busca da defesa de valores e ideologias enraizadas na cultura local. Essa lógica de comunidade é responsável pela valorização dos laços fortes e duradouros entre os membros dessas comunidades.

Observou-se que, embora os sentidos, as ideias e pontos de vista (percepções e representações) se renovem, se modifiquem e sejam repassados e reconstruídos pela comunicação, as comunidades analisadas passam pela crise de sentidos e formam lógicas, a partir daí, repletas de temores e preocupações, com bases em fatos e fenômenos antes ausentes em seus mundos vividos. Tais lógicas conduzem a ligações emocionais novas e estranhas ao grupo, desestabilizando-as e quebrando paradigmas antes existentes.

No entanto, essas novas lógicas de comunidade, embora conduzam seus membros ao enfrentamento dos novos problemas e do estranho, também são responsáveis pela condução a uma forma mais ampla e impessoal de interação. Faz com que as várias comunidades se unam, como em uma sociedade à procura de soluções para os problemas,

não só da sua própria comunidade isolada, mas sim para toda a sociedade envolvida. Por haver similaridades nas lógicas dessas comunidades, elas compartilham características comuns, expectativas e interesses, constituindo, desse modo, uma identidade com valores e ideologias da cultura local.

4 O Estudo da Lógica de Comunidades como ferramenta para o planejamento, a gestão integrada e a sustentabilidade

Este estudo que caminhou pela Geografia Cultural e conduz a geógrafa a valorizar as diferenças e as diversidades humanas a partir das comunidades amazônicas, procurou explicar e interpretar as realidades concretas e as atividades mentais na busca pelos mundos culturais com a compreensão do sentido, das percepções e das representações sociais expostas em suas paisagens culturais.

Fez-se, portanto, uma Geografia partindo do campo da subjetividade humana e se analisou o papel das experiências como objeto de representação do espaço, construção das paisagens culturais, com a compreensão do lugar e a valorização da água pelo ser humano em suas diversas relações. Na totalidade deste estudo, com o auxílio dessa Geografia humanizada, notou-se que as comunidades amazônicas observadas expuseram sentidos em relação às águas que constituem suas identidades e, por meio desses sentidos, identificaram as conexões entre os fenômenos sociais e as problemáticas que cercam a sua água, o seu mundo vivido. Nessa identificação, fenômenos como migrações, interferências públicas e privadas, novos projetos e empreendimentos, preservação, poluição etc., todas as interferências externas que lhes causam a crise de sentidos foram aqui traduzidas por suas lógicas do temor e preocupação.

Com cognições claras sobre o papel da água em suas vidas, essas comunidades demonstraram ter noções evidentes de preservação, com o cuidado e uso dessas águas. No entanto, no momento da pesquisa, se mostram abaladas por essas interferências externas que as deixam compassivas, repletas de sentimentos confusos, na incapacidade de resolverem tais problemas. Essa incapacidade em resolver problemas, antes ausentes de seu mundo vivido, provocados por interferências externas, é causada pela crise de sentidos. No entanto, com sentidos em constante mutação (construção ou reavaliação e especialização), observou-se, também, que a lógica dessas comunidades possibilita a união, o enfrentamento e a busca permanente por soluções.

A observação da união para o enfrentamento nessas comunidades geograficamente localizadas em busca de soluções permitiu, não somente reconhecer os aspectos que distinguem diferentes comunidades, mas também, que se analisasse como a lógica dessas determinadas comunidades deve exercer influência sobre o comportamento de pessoas responsáveis por gestões e organizações.

Essas lógicas são aspectos distintivos que exibem a importância dos fortes laços entre seus membros, estabelecidos particularmente por uma identidade comum que importam na tomada de decisões, ou seja, observou-se que são essas lógicas de comunidade geograficamente localizadas que conduzem os sujeitos pertencentes a essas comunidades a compartilharem partes de suas identidades, expectativas e interesses em busca de interesses comuns.

Ademais, compreendeu-se também que, exatamente por serem constituídas com diferentes sentidos, percepções e representações sociais, essas diferentes lógicas possuem diferenças e produzem diferentes modelos de comportamento e, por isso mesmo, podem tornar-se elementos importantes que diferencialmente formam a cognição e a tomada de decisão a problemas e espaços também distintos. A capacidade de perceber o espaço, de aprender e de socializar conhecimento numa região como a Amazônia, implica capacidade de fazer mediações, alicerçadas pela interação com o outro e baseada nos sentidos, na tomada de decisões, assim suas lógicas devem ser respeitadas e levadas em conta.

Desse modo, o conhecimento de lógicas de comunidades geograficamente localizadas mostra que, independente da insistência na globalização, as influências locais devem ser mantidas e conclui-se que os indivíduos, as organizações e os mercados podem e devem ser influenciados por elementos comuns de cultura, normas, identidade e leis como o resultado do compartilhamento de uma localização física comum.

Com este estudo, fica a certeza de que, não só com o olhar à problemática da água, mas com olhares a outros temas necessários ao estudo da qualidade à sobrevivência do ser humano, faz-se necessário observar que, por mais cosmopolitanos que os sujeitos sejam e por mais organizados que seus espaços estejam, esses seres humanos são enraizados em localizações geográficas diferenciadas e, por isso, importa os seus sentidos e suas lógicas na gestão e organização de seus espaços.

Com a compreensão da importância das lógicas de comunidade geograficamente localizadas nas gestões e organizações, reconhece-se, também, que essa lógica é o ponto de partida para responder questões que ainda necessitam ser respondidas na apropriação dos espaços, nas modificações das paisagens, na constituição e compreensão do lugar e, principalmente, na construção das paisagens culturais. Respostas que delineiem uma Geografia impregnada de história, com seus conflitos, estruturas, usos, intercâmbios, constituída de compreensões ambientais necessárias ao planejamento, a gestão integrada e a sustentabilidade na Amazônica a partir de comunidades geograficamente localizadas.

5 Referências

ALMANDOZ, JUAN. *The Invisible Hand and the Good of Communities: The Influence of Institutional Logics on Founding Teams of Local Banks*. Tese de Doutorado. HARVARD, p. 167, 2011.

ARENARI, B. *O pensamento de Ferdinand Tönnies e a tradição alemã: um primeiro ensaio*. In: XI Congresso brasileiro de sociologia, 2003, Campinas. *Sociologia e conhecimento além das fronteiras*, 2003.

BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentidos. A orientação do homem moderno*. Trd. de Edgar Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

_____. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

BRANCALEONE, C. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 98-104, 2008.

COHEN, S. *Visions of Social Control: Crime, Punishment and Classification*, Polity Press. 1985.

COSTA, M. C. *Regulação e Governança dos Sistemas Nacionais de Recursos Hídricos, no período 1977 - 2010: um estudo comparativo entre Brasil e Canadá*. Tese de Doutorado. Universidade Positivo. Programa de Mestrado e Doutorado em Administração. Doutorado em Administração. Área de concentração: estratégia, mudança e internacionalização, 2012.

DAVIS, G. F. and GREVE, H. R. Corporate Elite Networks and Governance Changes in the 1980s'. *American Journal of Sociology*. 103: 1 – 37.1997.

FREGE, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GLASER, B. *Doing Grounded Theory: Issues and Discussion*. Sociology Press, Mill Valley, CA. 1998.

HEIDRICH, Á. L. et al. (orgs.). *Maneiras de ler: geografia e cultura [recurso eletrônico]*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

KONO, C., PALMER, D., FRIEDLAND, R. and ZAFONTE, M. (1998) 'Lost in Space: The Geography of Corporate Interlocking Directorates', *American Journal of Sociology*, 103: 863–911. 1998.

MARQUIS, C. The Pressure of the Past: Network Imprinting in Intercorporate Communities, *Administrative Science Quarterly*, Vol. 48, pp. 655-689. 2003.

_____.& BATTILANA, J. Acting globally but thinking locally? The enduring influence of local communities on organizations. *Research in Organizational Behavior*, 29, pp. 283-302. 2009.

MORGAN, G. e SMIRCICH, L. The Case for Qualitative Research. *Academy of Management Review*, vol. 5, nº 4, 491 – 500. Pennsylvania State University, 1980.

SILVA, J. da C. *O rio, a comunidade e o viver*. Tese doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, em 2000 ao Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

SOUSA, L F. *Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: Uma relação humanista com o rio*. Tese submetida em 2012 ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná – UFPR.

STORPER, M. Society, community, and economic development. *Studies in Comparative International Development*, 39 (4). pp. 30-57. ISSN 0039-3606. 2005.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

THORNTON, P.H., OCASIO, W., & LOUNSBURY, M. (in press). The institutional logics perspective. Oxford: Oxford University Press.2012.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia – Um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente (Tradução de Lívia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 2012.

_____. Geografia Humanística. Trad. Maria Helena Queiróz. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1982. Cap. 7, p. 143–164.

_____. Espaço & Lugar. A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TÖNNIES, F. (2001 [1887]). Community and civil society. Cambridge University Press.